

## O AUTOR É UM OUTRO: O EU E O SUJEITO DIVIDIDO NO CASO SIGNORELLI

Clarice Pimentel Paulon\*

### Resumo:

O caso Signorelli é narrado por Freud em três episódios distintos (1987[1898], 1987[1901], 1986). Ele é considerado um dos textos mais lidos para a entrada na formação em psicanálise, já que, através dele, Freud nos dá indícios da estruturação do inconsciente e seu modo de funcionamento. O caso, descrito por Freud através de um esquema, elucida mecanismos como os de deslocamento e sublimação além de já dar pistas sobre os desenvolvimentos posteriores realizados por Lacan a fim de compreender o inconsciente por seu princípio ético e não ôntico: é por meio do significante que se formalizam os diversos processos de significação e atribuição de sentido. Esses processos de formalização, além disso, obedecem a uma lógica temporal distinta. Podemos evidenciar, através dele, efeitos de subjetivação na linguagem bem como a dissipação destes, já que o caso evidencia a formação do sentido, e, de que modo esse sentido se associa pela linguagem. Há, no entanto, novos desbravamentos a serem realizados via caso Signorelli; dentre eles, a relação entre fala e escrita. Partindo de pressupostos da linguística estrutural e da análise do discurso, irei analisar de que modo podemos entrever, via Signorelli, aspectos do Eu, e assim, do autor (na fala de Freud) e do sujeito dividido (em sua escrita) para repensarmos o lugar da linguagem na psicanálise.

**Palavras-chave:** linguagem; escrita; traço; autoria.

### Abstract:

The Signorelli's history is narrated by Freud in three different episodes (1987[1898], 1987[1901], 1986). It's considered one of the most important texts in the history of psychoanalysis, because, in this account, Freud gives us evidence of the unconscious structure and it's mechanism. The event, describe by Freud using a scheme, shows us mechanisms like displacement and sublimation, and anticipate other lacanian concepts that put the unconscious in the ethical principle besides it's ontology. We can show, with this change, subjectivity effects in language and the dissipate of this effects. The Signorelli's history, otherwise, can even show us the difference between the signification in the oral language and writing. With the concepts of discourse analysis and structural linguistic is possible to analyse such difference and to see Ego aspects, and, in this way, the author (in Freud's talk) and the subject aspects (in the

---

\* Psicóloga, mestre em psicologia pela USP-RP, doutoranda do Departamento de Psicologia Clínica do IP-USP. Trabalha na interface entre psicanálise, linguística estrutural e análise do discurso pêncheutiana. Contato: [claricepp@gmail.com](mailto:claricepp@gmail.com).



O esquema desenvolvido por Freud evidencia a formação do sentido através de cortes em alguns pontos específicos das palavras, que, segundo ele, “não possuem nenhuma relação com a divisão silábica” (p.279 1987[1898]), ou seja, com as regras gramaticais estabelecidas. As divisões remetem a associações sincrônicas de sentido que, formando uma cadeia, corroboraram o esquecimento.

No esquema evidenciado acima, Freud trabalha com alguns aspectos de *sonoridade*<sup>2</sup> das palavras e a tradução dessa sonoridade à sua língua materna. No entanto, há algo que escapa ao psicanalista: a significação pela escrita, que, veremos adiante, aponta para seu nome próprio<sup>3</sup>. É nesse entremeio entre fala e escrita – evidenciado pela ilustração de Freud de *(Signor)elli/ Herr* e *(Sig)norelli/ (Sig)mund* – que pretendo trabalhar no presente artigo, a fim de oferecer reflexões sobre o estatuto da linguagem em psicanálise.

### 1. Um signo da posição-discursiva<sup>4</sup>: **(Signor)elli / Herr:**

Freud, ao narrar seu esquecimento faz uma relação entre a primeira parte do nome *Signor* com conversas anteriores, com o companheiro de viagem. Ele relata:

Pouco antes de chegar ao assunto dos afrescos na catedral do Orvieto, eu estivera contando a meu companheiro de viagem algo que ouvira de meu colega, anos antes, sobre os turcos da Bósnia. [...] Se um médico tem que informar a um pai de família que um de seus parentes está à morte, a resposta é: “*Herr* |Senhor|, que se há de fazer? Se houvesse uma maneira de salvá-lo, sei que o senhor o ajudaria.” Outra lembrança próxima disso estava em minha memória. Esse mesmo colega me falara da suprema importância que esses bosnianos atribuem aos prazeres sexuais. Certa vez, um de seus pacientes lhe disse: “Sabe, *Herr*, se isso acabar, a vida não vale mais nada”. (p. 276,1987[1898]).

Deste modo, Freud associa *Signor*, com seu significado<sup>5</sup> em italiano: *Senhor* e, deste significado, ao *Herr*, em alemão, remetendo assim a conversa sobre os médicos. Não podemos nos esquecer de que Freud era também médico e que teve pacientes nessa região, o que permite que pensemos em uma certa aproximação entre a

<sup>2</sup> Este aspecto é aqui ressaltado devido a análise pretendida: veremos adiante que há análises possíveis tanto pela via sonora quanto escrita, o que promove o estatuto da linguagem a um outro patamar, para a psicanálise.

<sup>3</sup> O que traz uma relação peculiar com o título de seu capítulo: “O esquecimento de nomes próprios”.

<sup>4</sup> Aqui remeto ao termo posição-discursiva desenvolvido por Pêcheux (2009), que concerne à posição enunciativa do autor em seu próprio discurso.

<sup>5</sup> Usarei aqui a noção de significado advinda de Saussure (2006), qual seja, a de que o significado é uma representação do significante. Deixemos a problemática do sentido para outra ocasião.

posição-discursiva enunciada por Freud sobre a forma como os turcos se relacionavam com seus médicos, à sua própria posição. Ou seja: quando Freud realiza esse movimento do significante *Signor* ao significado *Senhor* para voltar ao significante *Herr*, estaria ele fazendo signo de seu próprio processo de subjetivação<sup>6</sup>?

Para refletir sobre tal questão, anoro-me em Derrida (1977) no que concerne a sua crítica sobre alguns desenvolvimentos da linguística e, também, apontamentos realizados pelo autor ao posicionamento de Lacan em relação à linguagem.

Em seu livro *Limited Incorporation* (1977), Derrida, inicialmente, realiza uma aproximação entre Assinatura, Acontecimento e Contexto. Para tanto, começa desconstruindo o termo “comunicação”. Sobre a noção de comunicação, afirma o autor:

[..] mesmo para articular e propor tal questão, tive que *antecipar* o significado da palavra comunicação: eu fui constrangido a predeterminar comunicação como um veículo, um meio de transporte ou meio de transição, e, além disso, com um significado único/unificado<sup>7</sup>. (p. 01)

O que cabe ressaltar nessa citação é o termo antecipar. Para que um sentido seja compartilhado, ele deve ser antecipado. Quando Freud faz a associação *Signor/Herr*, podemos observar aí uma antecipação de sentido: para que o dito faça sentido é necessário remete-lo a um dizer anterior. Vemos, portanto, em Freud, essa antecipação na traduzibilidade entre *Signor/Herr*. No entanto, para quem Freud antecipa esse sentido? É possível pensar que o Eu de Freud se antecipa ao sentido a fim de suturar uma coerência identitária ao discurso? É como dizer: “Freud se antecipou-se” frente ao esquecimento.

Podemos pensar aí, portanto, que essa antecipação se dá pela relação com aspectos ideológicos que determinam modos de significação pré-existentes à fala. Estes aspectos, constituintes do imaginário, formam o interdiscurso (PÊCHEUX, 2009), que se torna uma espécie de interlocutor para Freud. Em seu texto, o interdiscurso se dá pelo sentido pré-determinado de suas associações à questão dos médicos, e, também, ao suicídio de seu paciente, devido a um distúrbio sexual.

---

<sup>6</sup> Compreendo como processo de subjetivação a captura do sujeito por determinados significantes, o que promove certa ontologização de sentidos, corroborando para a formação de sintomas.

<sup>7</sup> Tradução minha. Todas as citações contidas no texto sobre Derrida (1977) são de responsabilidade de tradução da autora.

Esta antecipação é localizada no nível da sonoridade. A crítica que Derrida efetiva em relação ao caráter sonoro da língua é que, tendo em conta apenas a sonoridade há uma espécie de “condicionamento da fenomenalidade do sentido a partir de uma instância semântica<sup>8</sup>”, ou seja, a sonoridade em si, já antecipa determinados sentidos que seriam polissêmicos na escritura.

Derrida pressupõe que há “uma convivência entre a chamada escritura fonética e o logos dominado pelo princípio de não-contradição, que renovam uma certa linguística e uma certa psicanálise” (p. 16, 1977). Essa crítica sobre a sonoridade e o fonocentrismo fará com que o autor se volte para a noção de escritura, como forma de superar o princípio de não-contradição e de coerência do sentido, como observamos no caso *Signorelli*: é como se a instância semântica oferecesse o contexto interpretativo a Freud. Como afirma Derrida (1977): “a evidência precisa de um contexto” (p. 02).

Vemos, portanto, que essa posição-discursiva na qual Freud é capturado, remete a aspectos do Eu, que é o que proporciona o processo de significação apresentado. A antecipação, que remete a um sentido contido no interdiscurso, nos direciona para uma importante noção de autoria (TFOUNI, 2001): para que se constitua o eu e os processos de identificação ao sentido, o sujeito deve antecipar-se (LACAN, 1998), realizando um movimento de contenção do sentido e, assim, suturar possibilidades polissêmicas no discurso.

Distintamente da noção de antecipação que se presentifica na fala de Freud, observaremos agora que a noção de sujeito emerge em ato: na escrita. É a partir da escrita de Freud que embasarei então a análise presente na segunda parte do texto, trazendo a tona à questão do sujeito.

## **2. O sujeito em sua diferencia<sup>9</sup>: a escrita e o nome próprio**

Distanciando-nos do fonocentrismo, há outras observações possíveis para o caso *Signorelli*. Uma delas, pautando-nos na aproximação realizada por Derrida com a noção de escrita, traz à tona a possibilidade de evidenciar a semelhança entre a primeira parte do nome esquecido (*Sig*)*norelli* com o nome próprio de Freud: (*Sig*)*mund*.

---

<sup>8</sup> Parto do pressuposto por Major (2002[2001]), quando este autor estabelece, com Derrida, a noção de caráter a-semântico do inconsciente.

<sup>9</sup> Termo utilizado por Derrida (1977) a fim de compreender a distância entre fala e escrita.

Através da sonoridade de ambos os nomes essa aproximação não traz resultados efetivos, já que são nomes construídos pelo italiano e pelo alemão, respectivamente, o que provoca sons distintos quando do momento da fala.

No entanto, ao realizar um retorno a Saussure (2006), observamos que o autor coloca a materialidade do significante como dupla: acústica e gráfica. Juntamente com o conceito de grafema desenvolvido por Derrida, é possível elucubrar questões a respeito da escrita do inconsciente e, assim, aproximar a problemática do nome próprio com a do sujeito do inconsciente.

Derrida irá propor uma inversão temporal quanto à relação entre fala e escrita. Por mais que a fala, cronologicamente, tenha surgido antes da escrita, Derrida afirma que logicamente, a escrita é anterior à fala e é ela que possibilita a multiplicidade de sentidos inerente ao enunciado. Como podemos observar, é o caso de *Signorelli*, apresentado neste artigo.

### 3. Considerações finais

Podemos observar que existem duas vias de leitura para a análise do caso *Signorelli*. Uma delas, a via pela posição-discursiva, é entrevistada pela aproximação entre *(Signor)elli/ Herr*. A outra, a via que denominamos aqui de escritura do nome próprio, associa *(Sig)norelli/ (Sig)mund*.

Podemos considerar, então, que a relação do sujeito com a linguagem se dá por uma dupla via: uma pela fala, o que remete a processos de significação pela sonoridade; e uma pela escrita, o que remete a processos de significação pela grafia. Ambos são irreduzíveis um ao outro e provocam análises distintas.

Vemos que há relação entre *(Signor)elli/ Herr*. Essa relação propicia uma aproximação entre a posição-discursiva de Freud e alguns aspectos ideológicos da época. Denominamos tal relação como um efeito de subjetivação que constituiria manobras para construção de aspectos identitários do Eu em Freud. Essa análise, realizada via sonoridade, evidencia então, a crítica de Derrida sobre o fonocentrismo que atribui a Lacan, na sua apropriação da noção da linguagem em psicanálise. A partir dele, observamos o fechamento do sentido e dos processos de significação, restringindo-os ao contexto.

O fonocentrismo revela aspectos de ontologização pela linguagem, o que denuncia a formação de sintomas em psicanálise, associada as formas de sofrimento que interpelam o sujeito. Nesse aspecto, pensar o fonocentrismo na apropriação da

linguagem é fundamental já que ele propicia que observemos aspectos sintomáticos dessa relação com a linguagem.

Já a relação via grafema, de *(Sig)norelli/ (Sig)mund* denuncia aspectos da marca da constituição do sujeito pela letra: o nome próprio. Essa marca, destituída de traduzibilidade, é índice da existência do sujeito, no entanto, essa existência não pode ser ontologizada, já que não se relaciona a algum sentido que traz uma noção de literalidade ou origem como compreendidos por Derrida (1977).

Nesse sentido, há uma importante afirmação do autor:

Vamos considerar qualquer elemento da língua falada, seja uma pequena ou grande unidade. A primeira condição para seu funcionamento é o seu delineamento que está associado a determinado código [...]. Vamos dizer que uma certa identidade de determinado elemento (marca, signo), é requerido para que seja possível seu reconhecimento e repetição. Pelas variações empíricas como: variações de tons de voz, possibilidade de determinado sotaque, por exemplo, através deles nós somos capazes de reconhecer a identidade, aproximadamente, de uma forma de significação. Porque essa identidade é, paradoxalmente, uma divisão ou dissociação dela mesma; o que fará desse signo fonético um grafema? Porque essa unidade de significação constitui-se apenas por uma virtualidade de sua iterabilidade, pela possibilidade de que ela possa ser repetida na ausência não apenas de seu referente, o que é evidente por si só, mas na ausência de determinado significado ou da intenção da significação atual, e até mesmo de todas as intenções contidas no momento da comunicação. Essa possibilidade estrutural de ser dissociado de seu referente ou do seu significado ( e assim, da comunicação e do contexto) me parece, faz com que cada marca, incluindo as orais, o grafema em geral, [...] denunciem a não presença contida na marca da diferença, retirada de seu significado literal ou origem. E eu devo ainda estender essa lei para toda a 'experiência' em geral se for concedido que não há experiência da pura presença mas apenas cadeias de marcas de diferença (p. 10).

Este excerto do texto de Derrida (1977) evidencia um importante aspecto a ser considerado sobre a linguagem em psicanálise. A relação entre a unidade fonética e o grafema dá mostras da constituição paradoxal da identidade. Ao que parece, simultaneamente ao fechamento de sentido e conseqüente ontologização da linguagem, há o traço, reescrito e ressignificado constantemente.

A partir das reflexões acima expostas, de que modo podemos considerar a autoria? O que seria um autor? Vemos que o contexto, no caso, a fala de Freud, possibilitou a determinação do sentido no Eu, mas, não no sujeito. Não há contexto no inconsciente: as marcas de iterabilidade, que demonstram a repetição na diferença

são constantemente indeterminadas semanticamente. Isso não quer dizer, que não há tentativa por parte do Eu, para que haja alguma determinação.

Podemos supor o autor, portanto, nessa relação com a iterabilidade, apontada por Derrida. É entre a repetição e a alteridade que se constitui um espaço para os processos de singularização e particularização do sentido, momento em que podemos ver os efeitos de subjetivação na linguagem via posições discursivas e a marca, apresentada aqui, no nome próprio. É esta hiância, entre o Eu e o sujeito, entre a repetição e o outro, a oralidade e a escrita, que promove a constituição da autoria.

E é nela que se encontra a assinatura: marca da ausência de qualquer efeito de subjetivação na aparição do sujeito do inconsciente.

### Referências Bibliográficas

DERRIDA, Jaques. **Limited Incorporation**. Northwestern University Press, USA, 1977.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A imagem: entre o olho e o olhar**. In. C. I. L. Dunker, Sobre arte e psicanálise. (Vol. 1, pp. 14-29). São Paulo, Ed. Escuta, 2006.

FREUD, Sigmund **Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento** (Primeiras publicações psicanalíticas) In. FREUD, Sigmund. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, vol. 3, pp. 275-282) Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1898), 1987.

FREUD, Sigmund **O esquecimento de nomes próprios**. (Sobre a psicopatologia da vida cotidiana) In. FREUD, Sigmund. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, vol. 6, pp. 19-24) (Trabalho original publicado 1901), 1987.

LACAN, Jaques. **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada**: Um novo sofisma. In: LACAN, Jaques, Escritos. (pp. 197-213) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MAJOR, René. **Lacan com Derrida**: Análise Desistencial. (trad. Fernanda Abreu), Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, (Trabalho original publicado em 2001), 2002.

MASSON, Jeffrey (Org.). **A Correspondência Completa de Sigmund Freud e Wilhelm Fliess**: 1887-1904. São Paulo: Ed Imago, 1986.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. (E, Orlandi trad.) Campinas: Ed. Pontes. (Trabalho original publicado em 1983), 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. (trad.E. Orlandi), Campinas: Editora Unicamp, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral.** (C. Bally e A. Secheray orgs.) Ed. Cultrix, São Paulo, 2006.

TFOUNI, Leda V. **A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento.** In: Signorini, I. (org.). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas: Mercado das Letras, pp. 74-91, 2001.